

Por Mares de Sonho e Criação, de “Fragmentos da Vida” Vamos “Tecendo Esperanças”:

a História das Oficinas de Teatro da Unati (Universidade Aberta à 3ª Idade) – Unesp de Marília

Ana Paula Cordeiro

Como citar: CORDEIRO, A. P. Por Mares de Sonho e Criação, de “Fragmentos da Vida” Vamos “Tecendo Esperanças”: a História das Oficinas de Teatro da Unati (Universidade Aberta à 3ª Idade) – Unesp de Marília. *In* : DÁTILLO, G. M. P. D. A.; CORDEIRO, A. P. (org.). **Envelhecimento humano** : diferentes olhares. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.69-94. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-693-0.p69-94>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

POR MARES DE SONHO E CRIAÇÃO, DE “FRAGMENTOS DA VIDA” VAMOS “TECENDO ESPERANÇAS”: A HISTÓRIA DAS OFICINAS DE TEATRO DA UNATI (UNIVERSIDADE ABERTA À 3^A IDADE) – UNESP DE MARÍLIA

Ana Paula Cordeiro

INTRODUÇÃO

Esta é uma história que tem início no ano de 1999. Resumi-la em algumas páginas não é tarefa fácil. É uma história feita de encontros, de arte, de criação, de convivência, de lembranças de cores, cenários, figurinos, textos, interpretações, mudanças, despedidas, alegrias e paixão. É uma história que começou numa manhã do dia 19 de abril de 1999, data do primeiro encontro das “Oficinas de Teatro da UNATI (Universidade Aberta à 3^a Idade) – UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”) de Marília”, por mim coordenadas. Estávamos próximos de adentrar em um novo milênio, que chegou com inúmeros desafios, problemas e discussões postos a educadores e profissionais da educação dispostos a lutarem por inclusão, por educação permanente, por diálogos intergeracionais, por vida.

O convite para ministrar as Oficinas de Teatro partiu da então coordenadora da UNATI - UNESP de Marília, a professora Maria Candida Soares Del-Masso. Eu desenvolvía trabalhos com jogos teatrais e criação teatral coletiva com crianças e jovens. Jogos que envolviam a percepção, que buscavam tornar o corpo expressivo, que propunham cenas a serem

construídas de forma improvisacional. Como seria realizar esses jogos com pessoas idosas? Será que elas apreciariam? Jogariam os jogos dramáticos e teatrais? Teriam interesse em participar de Oficinas de Teatro? Com muitas indagações permeando meus pensamentos, resolvi aceitar o desafio.

Era meu primeiro ano como aluna do Doutorado na Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília e minha temática era justamente a dos jogos dramáticos com crianças da Educação Infantil. Aceitar o desafio de trabalhar teatro com pessoas idosas mudou meu olhar para o envelhecimento humano, mudou o foco de minha pesquisa (que passou a ser com o Grupo de Teatro que se formou a partir das Oficinas de Teatro da UNATI) e tornou-se maior que ela própria: tornou-se o trabalho de uma vida.

A proposta de trabalho com o grupo, que contava com cerca de 13 a 15 participantes, era a de desenvolvermos Oficinas de Teatro tendo como mote técnicas teatrais simples (usos e ocupações do espaço cênico, uso adequado da voz, do corpo), os jogos teatrais e a criação de peças coletivas por parte do grupo de alunos e alunas matriculados. Nada seria dado pronto aos participantes e todos tomariam decisões, desde a escrita de uma peça até sua montagem, passando por cenários, figurinos, sonoplastia, iluminação, etc. Para preparar os primeiros encontros organizei propostas utilizando-me de referencial ligado ao teatro e à criação teatral. Autores como Boal (1991), Spolin (1992), Courtney (1980), Chacra (1991), Laban (1978), entre outros, me auxiliaram a pensar nas melhores propostas, exercícios e jogos para o grupo de teatro que se formou em torno das Oficinas. Foi preciso adaptar propostas e jogos, levando-se em conta as necessidades do grupo e capacidade física das pessoas envolvidas, bem como os seus temas de interesse. Também dialoguei com os participantes, desde o primeiro encontro, explicitando as formas e propostas de trabalho, verificando quais as motivações dos integrantes para participarem das Oficinas de Teatro e se haveria concordância relacionada à forma de trabalhar. A ideia era fazer das Oficinas um espaço privilegiado para o jogo teatral, para a improvisação, o diálogo, o debate e a recuperação de lembranças de memórias pessoais, precioso material para a elaboração de textos e peças teatrais.

Parti, no trabalho com as Oficinas de Teatro da UNATI - UNESP, do pressuposto básico do Teatro do Oprimido, preconizado por Boal

(1991): todos nós, seres humanos, podemos e somos capazes de atuar num palco, porque atuamos na vida. A proposta principal era a de, a partir dos jogos teatrais, das conversas, das memórias e lembranças dos participantes do grupo, criar textos e peças coletivas, frutos genuínos da convivência grupal. Essa ideia foi recebida com alguma resistência e incredulidade pelas pessoas presentes no primeiro encontro. No entanto, houve entre nós, desde o início, muita empatia, que perdurou por todos esses anos. Com diálogo e a explicitação do trabalho, houve a compreensão de que tudo ocorreria de forma gradativa, sem atropelos, no tempo e possibilidades do grupo, que inicialmente foi composto apenas por mulheres. Naquele ano não houve nenhuma matrícula masculina.

Nestas linhas e páginas, busquei apresentar um pouco do trabalho realizado ao longo dessa trajetória de quinze anos: os exercícios e jogos teatrais desenvolvidos, os processos de criação teatral a partir de lembranças, relatos e histórias de vida, trechos das peças criadas e de textos individuais e coletivos, visando a oferecer ao leitor, por meio dessa história, também um caminho metodológico para o trabalho com teatro junto a pessoas idosas.

1. OBJETIVOS, REFERENCIAL TEÓRICO E MÉTODO

O principal objetivo do Projeto “Oficinas de Teatro da UNATI – UNESP de Marília” consiste em discutir e avaliar a relevância dos aspectos lúdicos e artísticos nos processos educacionais da pessoa idosa, por meio dos jogos teatrais e da criação de peças teatrais coletivas. Buscamos avaliar estes aspectos relacionando-os à memória e experiências de vida dos participantes, ao prazer que esses possuem ao lembrar, representar e conhecer ao longo do desenvolvimento das atividades nas oficinas de teatro.

Ainda, especificamente,

Visamos a oferecer alguns caminhos em relação à aprendizagem da arte teatral e ao trabalho de teatro-educação junto às Universidades Abertas à 3ª Idade. Buscamos também demonstrar que a chamada “terceira idade” pode constituir-se numa fase de descobertas e de aprendizado, na qual a pessoa idosa pode atuar como agente cultural, participando e contribuindo de várias formas para o crescimento e o enriquecimento sociais dos grupos dos quais faz parte (CORDEIRO, 2003, p. 10).

Os participantes das Oficinas são pessoas regularmente matriculadas na UNATI – Universidade Aberta à 3ª Idade da UNESP (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”), Campus de Marília, com idades entre 55 e 90 anos. O Programa UNATI consiste num Projeto de Extensão que visa a integrar a pessoa idosa no ambiente universitário, oferecendo cursos, palestras e oficinas sobre temáticas diversas e existe em inúmeras unidades da UNESP. O Projeto “Oficinas de Teatro da UNATI (Universidade Aberta à 3ª Idade) – UNESP de Marília” está integrado ao Projeto maior da UNATI.

O Projeto, em seu início, contou com a participação de cerca de treze integrantes do gênero feminino. Ao longo do tempo, no entanto, o grupo cresceu, alguns membros entraram e outros saíram. Dessa forma participam no ano de 2015 das Oficinas cerca de vinte e cinco pessoas, mas ao longo desses quinze anos mais de quarenta idosos participaram das atividades do Grupo de Teatro, que se formou a partir dos encontros nas Oficinas, em momentos variados. Portanto, neste texto, ora me utilizarei da nomenclatura “Grupo de Teatro da UNATI” e ora do termo “Oficinas de Teatro da UNATI – UNESP”, lembrando que este último termo se refere ao Projeto de Extensão que originou o Grupo de Teatro, composto pelos integrantes das Oficinas. Cabe ressaltar que alguns participam desde o início dos trabalhos, tendo permanecido nas Oficinas durante os quinze anos de sua existência. É o caso de onze de nossas alunas.

Algumas delas também participaram de oficinas anteriores de teatro, com um professor que esteve na UNATI desenvolvendo tais atividades no ano de 1995, Alexandre Matte¹. Outros participantes estão no grupo há três, cinco, oito anos ou mais. A maior parte dos participantes possui curso superior completo e está ou esteve ligada à educação: são professores, diretores, supervisores de ensino, secretários aposentados, etc.

São inúmeras as motivações que os levam a participarem das Oficinas, entre elas o gosto pelo teatro e a falta de oportunidade de se dedicarem a esta atividade na juventude; o desejo de estarem junto de pessoas com idades parecidas, compartilhando de assuntos, memórias, cotidiani-

¹ É Mestre em Artes Cênicas e Doutor em História Social. É docente do Instituto de Artes da UNESP.

dade, gostos, interesses, etc.; experimentar uma nova atividade, nunca realizada antes, entre outras motivações.

Em meu trabalho me concentro nas questões da velhice a partir de olhares sociológicos e filosóficos, prioritariamente. Sobre a velhice, corroboro com Beauvior (1976), ao afirmar que ela

É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, com justa razão, são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial como todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto tanto na velhice como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. (BEAUVOIR, 1976, p.13).

Diz a autora, ainda, que é a sociedade quem determina o lugar e o papel do velho, levando em conta suas idiossincrasias e vários fatores se inter - relacionam quando o assunto é o envelhecimento humano, sendo impossível analisá-lo sob um único ponto de vista. Corroboro com a autora, que afirma que a velhice é mais que um fato biológico, mas um fato cultural.

Também considero fundamental compreender mais sobre a importância da memória e do vivido para as criações coletivas e como forma de valorização da bagagem cultural e das contribuições sociais da pessoa idosa. Bosi (1979) afirma que a sociedade industrial é maléfica à velhice. A autora argumenta que com as mudanças que se aceleraram na sociedade de classes, rupturas foram criadas nas relações entre os homens e nas dos homens com a natureza, abalando o sentimento humano de continuidade. Segundo Bosi

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência á sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor (...). O velho não participa da produção, deve ser tutelado, como um menor. Quando as pessoas absorvem as idéias da classe dominante, agem como loucas porque delinham assim seu próprio futuro. (BOSI, 1979, p. 35-6)

O trabalho voltado para o teatro visa a levar os participantes a enxergarem-se como sujeitos, como agentes e produtores de cultura, capazes de atuar num palco, de criarem textos e peças teatrais, de perceberem que a própria forma da sociedade encarar a velhice depende de contextos históricos e é passível de modificação. Dessa forma, considero ser o jogo teatral a melhor forma de auxiliá-los em seus processos de criação. Utilizo-me da premissa básica do Teatro do Oprimido (BOAL, 1991), de que todos os seres humanos são capazes de criar e de atuar num palco. As propostas de exercícios e jogos de Boal auxiliaram o grupo a pensar em como tornar o corpo do ator expressivo. Também me utilizo do referencial de Spolin (1992), a fim de oferecer jogos teatrais, que tem como base o improviso, uma situação a ser solucionada no “aqui e agora” do palco. Os participantes precisam encontrar soluções para problemas postos no palco, em grupos, para depois apresentarem as soluções ao grupo maior. O objetivo é o de criação e apresentação de cenas coletivas, de diálogos grupais, de um trabalho teatral que revelasse as falas e a cotidianidade do grupo. Isso começou a ocorrer desde o início das propostas, em 1999.

Tais propostas, baseadas nos jogos teatrais, no diálogo grupal e no trabalho de recordar lembranças de tempos idos tornaram-se caminhos procedimentais para o alcance dos objetivos. Metodologicamente o caminho da pesquisa – ação foi utilizado, já que a efetiva participação por parte dos integrantes do grupo era a meta do trabalho. Thiollent define pesquisa-ação dizendo que ela é

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual o pesquisador e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLLENT, 1986, p. 14).

O autor ainda diz que

uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática, merecendo investigação para ser elaborada e conduzida (THIOLLLENT, 1986, p. 15).

Em termos procedimentais, a observação participante, o oferecimento de propostas de exercícios e de jogos teatrais, os diários de campo, o diálogo grupal e formas de registros variadas, tais como fotografias, filmagens e escritos individuais e coletivos do grupo, como poemas, crônicas, depoimentos e peças teatrais sempre foram de enorme valia para a análise dos dados coletados. Os conteúdos das peças e textos escritos são analisados à luz do referencial teórico pertinente, levando-se em conta as histórias de vida, memórias e cotidianidade dos participantes.

Dessa forma, inúmeras peças e textos foram criados ao longo desses anos de existência das Oficinas. Dos trabalhos coletivos, foram criados os seguintes: “Fragmentos da Vida”, “Os italianos”, “Todas as vidas de Cora Coralina”, “Momentos do dia - a dia”, “O cravo e a rosa”, “Chico Buarque e a mulher”, “Ditos, desditos e não ditos”, “Contando coisas de amor”, “Memórias de amores idos”, “Joana Fulô, a dona do bar”, “Sarau de poesias escolhidas”, “Sarau de poemas, contos e causos” e “Tecendo Esperanças”.

2. CRIAR, A PALAVRA FUNDAMENTAL.

Uma história pode ser contada de várias maneiras. Mesmo quando se trata da história de um Projeto que visa a aliar ensino, pesquisa e extensão universitária e exige rigor teórico e objetividade. É preciso fazer escolhas e estas são sempre arbitrarias. Escolher o mais importante? Tarefa difícil e talvez não se trate disso, mas de apresentar, de forma criteriosa, uma mostra do trabalho realizado, oferecendo caminhos metodológicos para quem quiser enveredar pelas estradas belas e sinuosas da criação teatral.

Início as memórias das Oficinas apresentando alguns exercícios e jogos teatrais que foram e são fundamentais para que a criação teatral ocorra. Vencer as barreiras da timidez, tornar o corpo expressivo e um instrumento para a personificação de tipos, jogar o jogo teatral, escrever textos, falar sobre lembranças e histórias cotidianas não são tarefas fáceis. E nos propusemos, enquanto grupo, desde o início, a tudo isso.

No ano de 1999 nos reuníamos às segundas - feiras, das 8:30 h. às 10:30 h. Logo percebemos que não era o melhor dia e horário e elegemos as sextas - feiras para nossos encontros, das 14 às 16 horas. Quanto ao trabalho das primeiras oficinas

desenvolvemos com o grupo vários tipos de jogos teatrais e exercícios envolvendo a boa ocupação do espaço cênico, a expressão corporal e o improviso. Iniciamos todos os nossos encontros com exercícios para relaxar o corpo: braços, pernas, ombros e pescoço, além de valorizarmos sempre os exercícios respiratórios, reiterando ao grupo a importância de um processo respiratório profundo, que seja capaz de relaxar o ator, proporcionar-lhe mais fôlego ao falar e prepará-lo fisicamente para os desafios no palco. (CORDEIRO, 2003, p. 71)

Os jogos teatrais, que tem como base o improviso, sempre foram muito apreciados pelo grupo. Para exemplificá-los, relatarei alguns desses jogos e propostas. Trabalhamos, em algumas situações, com propostas que visaram a levar o grupo a falar sobre suas histórias e memórias, fator que considero muito relevante para o trabalho com idosos, pois nem sempre na sociedade acelerada e de consumo rápido, inclusive de bens culturais, o idoso tem a chance e a oportunidade de recordar, de falar de si e do que lhe é caro, de se encontrar com seus pares, com pessoas da mesma idade e com interesses e histórias em comum.

Por meio dos jogos, visei a despertar o interesse para a criação de textos individuais e coletivos e de cenas improvisadas. Para tanto, uma palavra, uma situação ou proposta foram apresentadas, no sentido de suscitar cenas, lembranças e interação entre o grupo. Para rememorar, um objeto poderia ser a chave do jogo. Em uma das Oficinas, a proposta consistiu em trazer de casa um objeto de uso cotidiano. Os objetos foram todos colocados sobre um balcão e cada participante deveria escolher um deles para criar uma história sobre ele. Questões como “onde ele foi fabricado”, “para que serve” e “como chegou às mãos de seu dono”, foram feitas ao grupo, mas cada participante era livre para criar seu pequeno enredo. Cada pessoa contaria a história do objeto, como se este tivesse vida e pudesse falar sobre sua trajetória.

Uma a uma, as alunas (no ano de 1999 só tivemos mulheres no grupo) foram à frente falar sobre os objetos. Todas as falas foram anotadas, gravadas ou escritas depois pelas participantes, criando-se um rico acervo material do Projeto. Destacamos a criação de uma aluna, Lygia, sobre a proposta de dar vida e fala a um dos objetos, uma sombrinha:

Meu nome é Umbrella. Acho que nasci na Coréia, mas fui levada, ainda jovem, para o Paraguai. Um belo dia vim parar no Camelódromo de Marília e minha dona me comprou. Mas ela era muito distraída e me esqueceu no canto de uma loja de bijouterias. E essa agora! Eu tinha vindo de tão longe, atravessado o mundo e agora minha dona me perdia numa lojinha qualquer. Mas logo ouvi novamente a voz da minha dona: -Alguém por aí viu uma sombrinha? Ufa! (CORDEIRO, 2003, p. 71)

Em outras ocasiões, objetos com valor sentimental, poemas e textos foram levados, para que o grupo montasse cenas ou falasse deles e de sua importância. Também realizamos, por vezes, lanches específicos, com os pratos, sabores e aromas preferidos de cada participante do grupo. Sobre uma dessas oficinas, eis um pequeno trecho de um texto - poema, intitulado “Sopa de Letras”, da aluna Lygia Peregrino, fruto de reflexão sobre o vivido nas Oficinas:

Eis então que hoje cedo/ A aula foi só de lembranças/ As quais foram despertadas por chazinhos e comilanças. / E vendo e ouvindo as colegas,/ O meu chá saboreando,/ Lembrei de coisas tão boas.../Fiquei sonhando... sonhando... (CORDEIRO, 2003, p. 139)

Vale destacar alguns jogos de improvisação, que visavam a tornar o corpo expressivo, por meio da personificação de tipos dentro de situações específicas. Num deles, o grupo teria de se lembrar de histórias relacionadas a visitas inconvenientes, a partir do dito popular “Visita sempre dá prazer: se não é quando chega, é quando sai”. Depois, subdivididos em grupos menores, os participantes teriam que criar cenas curtas relacionadas a este dito popular. Histórias muito engraçadas surgiram, algumas delas inclusive reais, que foram misturadas a situações criadas para a elaboração das cenas. Este jogo e as situações criadas, inclusive, serviram de mote para a elaboração, posteriormente, de uma peça teatral toda baseada em ditos populares, intitulada “Ditos, desditos e não ditos”.

Por meio dos jogos, o grupo foi ganhando segurança pra? atuar no palco, para utilizar-se do corpo para a personificação de tipos, para criar textos. Nossa primeira oportunidade de trabalho coletivo deu-se ainda no ano de 1999, por ocasião das comemorações dos quarenta anos de funciona-

mento da UNESP de Marília, tempo que envolve também o funcionamento da antiga FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), que oferecia ensino público e gratuito a seus alunos. Sendo um instituto isolado, foi incorporada à Universidade Estadual Paulista no ano de 1976.

Convidadas a participar das comemorações e festividades, as participantes do Grupo aceitaram o desafio de elaborar um trabalho que mostrasse, de forma crítica ao público, a importância da UNESP e de seu papel, para a sociedade e para a cidade de Marília. Ficou decidido que não seria elaborada uma peça teatral, mas uma apresentação que reunisse poemas, relatos e impressões sobre a Universidade e sua importância histórica. O mote do trabalho, por escolha do grupo, foi desenvolver uma temática voltada para o homem comum, em contraposição à ótica dominante e à História oficial. Em relação ao processo de elaboração do trabalho

Entre os vários textos e poemas trazidos, o grupo escolheu aqueles que estavam ligados mais de perto à temática proposta. Foram escolhidos os seguintes textos: “Perguntas de um trabalhador que lê”, de Bertold Brecht, o poema “A moça”, de Esmeralda Peregrino de Moura, poeta e tia de uma das alunas do grupo, “Os meninos da rua da Descida”, de Ana Paula Cordeiro, trechos de poemas de Fernando Pessoa e um relato de Virgília, aluna do grupo, que trabalhou por muitos anos na Universidade. O grupo entrelaçou estes textos com outros relatos curtos, relacionou os poemas entre si e criou o trabalho intitulado “Fragmentos da Vida”. Neste primeiro trabalho as alunas optaram por fazer uma leitura do texto ao público. (CORDEIRO, 2003, p. 72)

Apresentamos este trabalho em três ocasiões, inclusive no Teatro Municipal da cidade, junto das comemorações relacionadas aos 40 anos da UNESP. Na criação coletiva não foram lembradas grandes autoridades, mas as pessoas anônimas, que ajudaram ao longo das décadas a construir os pilares da Universidade no município. “Fragmentos da Vida” foi um nome bem sugestivo, levando-se em conta que realmente trabalhamos com diversas possibilidades de escritos e discursos. Um dos pontos altos do trabalho foi o pequeno depoimento de Virgília Porto de Souza, aluna da UNATI e que foi funcionária da UNESP por trinta anos. Eis sua fala:

Olhem só! Quem diria! Após 40 anos ainda me encontro nesta casa. Tantas alegrias, tristezas e decepções, mas quem não as tem? Quantas lembranças desde 1959! A Aula inaugural, a revolução de 64. O pri-

meiro trote, os grandes simpósios...Os alunos que passaram pela antiga FAFI, e os que continuam passando pela UNESP.. Alunos que se tornaram grandes profissionais! Alunos que foram embora e eu nunca mais soube deles. Tantas vidas que se cruzam! Tantos sonhos, tanta gente! Tantos relatos, tantas perguntas! (CORDEIRO, 2003, p. 158)

No fim de 1999, no mês de novembro, o grupo de teatro da UNATI recebeu um convite da Comissão de Registros Históricos da Câmara Municipal e da cidade de Marília para participar da “16ª Noite dos Pioneiros”, evento tradicional da cidade, que se realizaria no dia 14 de abril de 2000. O evento sempre homenageia aqueles que de alguma maneira contribuíram de forma inovadora e decisiva para o desenvolvimento da cidade. No ano de 2000 os homenageados seriam os imigrantes e migrantes que se instalaram na região, nos anos 20 e 30 do século XX. Italianos, portugueses, japoneses, sírio – libaneses e nordestinos fazem parte dessa história. Nosso grupo, por conta de afinidade e ascendência, ficou encarregado de criar uma apresentação relacionada aos imigrantes italianos.

Reunimo-nos nas férias, nos meses de dezembro a março, para a elaboração do trabalho, que envolveu pesquisa, acompanhamento histórico e leituras diversas. Alguns textos que tratavam da imigração e da vida de famílias de imigrantes, bem como as memórias de algumas alunas do grupo, filhas ou descendentes de italianos foram fundamentais para a pesquisa desenvolvida. O que contar? Ficou decidido que realizaríamos uma peça teatral, dentro de um clima de sonho e de recordações, como se as personagens fossem fantasmagorias, lembranças de Rosa, uma senhora idosa, que se recorda de sua infância, de seus pais, irmãos, vizinhos e familiares, reunidos em torno da festa de batizado de Marcelo, irmão caçula da protagonista.

A cotidianidade, os vizinhos, a feitura das comidas, o avô na cadeira de balanço entregando guloseimas às crianças, o dia do batizado, enfim, todas essas ações foram apresentadas em uma peça teatral curta, com duração de 15 a 20 minutos. O trabalho foi aprofundado e bastante requintado, seja do ponto de vista das falas, seja do ponto de vista do cenário, que reproduzia, com móveis de época, uma casa típica dos anos 20 do século XX, seja do ponto de vista do figurino ou sonoplastia. Uma das

integrantes do Grupo tocava bandolim e, ao vivo, fez a sonoplastia da peça, com músicas tipicamente italianas.

Na Noite dos Pioneiros do ano de 2000, inúmeros grupos teatrais da cidade se apresentaram, com trabalhos ligados à importância dos migrantes e imigrantes que chegaram a Marília no início da construção da cidade. E, entre eles, a UNATI trazia a peça de criação coletiva “Os italianos”!

Ainda em 2000, por meio das Oficinas, o Grupo de Teatro criou a peça “Momentos do dia- a dia”, que trata de questões relacionadas ao preconceito contra a pessoa idosa. A peça mostra situações cotidianas que ocorrem no ônibus, na rua, no trabalho, no atendimento em lojas, em casa. Esta é uma peça que foi adaptada de um trabalho realizado por algumas alunas participantes, quando frequentavam oficinas de teatro na UNATI, no ano de 1995, ainda ministradas pelo Professor Alexandre Matte. A obra chama-se “Não é proibido sonhar” e nela as alunas falavam de suas vidas, anseios e preconceitos sofridos. O nosso grupo, em 2000, readaptou parte do trabalho e criou novas cenas e falas, destacando apenas a questão do preconceito contra a pessoa idosa. Esta peça foi apresentada inúmeras vezes, em diversas situações, tendo sido, inclusive, alguns anos depois apresentada para cerca de duzentos alunos do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Marília. Destacamos aqui um pequeno trecho de “Momentos do dia – a – dia”:

Adalva: no ônibus acontece cada uma!

Virgília: Incrível! Tanto horário para andar de ônibus e as “vó” cismam de fazer isso justamente agora!

Marlene: Agora vamos ter que esperar meia hora até a velha descer.

Lurdinha: Moço, esse lugar é meu.

Lygia: Eh, velha chata, por que não viaja de carro?

Elza: Eu não vou sentar perto desta velha! (CORDEIRO, 2003, p. 183-4)

Também no ano de 2000 apresentamos uma adaptação do poema “Todas as vidas”, de Cora Coralina, bem como “Momentos do dia – a – dia na “I Jornada Municipal do Idoso de Marília,” promovida pela prefeitura Municipal e realizada na Universidade de Marília (UNIMAR), no dia 29 de setembro de 2000, que contou com palestras variadas abordando inúmeras temáticas ligadas ao envelhecimento humano e que teve a participação de vários grupos de terceira idade da cidade.

A cada trabalho, o grupo buscava novos desafios. Um deles foi a elaboração de um espetáculo realizado no ano de 2001, intitulado “O cravo e a rosa”. Este trabalho foi apresentado num evento cultural e beneficente, um baile que levava o mesmo nome da peça. Inúmeros grupos artísticos da cidade de Marília se apresentaram nesse evento, com o objetivo de contar um pouco da história da cidade. Cabe destacar que vários trabalhos nossos possuíram temáticas ligadas à vida na cidade de Marília: vidas de pessoas comuns entrelaçadas a momentos e fatos históricos.

O trabalho foi apresentado em 21 de abril de 2001, para um público de mais de trezentas pessoas, num clube da cidade. Tivemos um palco amplo, no salão de festas do local. Desde o início sabíamos que nos apresentariamos num local amplo e realizamos, inclusive, ensaios e oficinas no local, dado que considero importante relatar, para quem deseja desenvolver atividades teatrais com grupos de pessoas idosas. Conhecer e familiarizar-se com os espaços cênicos disponíveis, em alguns casos não tão propícios ao trabalho teatral, é fundamental para o sucesso da empreitada de uma apresentação.

Em relação a esta apresentação teatral, utilizamo-nos prioritariamente do trabalho de corpo, na montagem de esquetes, para uma apresentação que contou a história de um grupo de pessoas que viveu sua infância e juventude nos anos 30 e 40 do século XX na cidade de Marília. Recordações da infância e da juventude dos participantes apareceram nos momentos de diálogos e jogos nas oficinas. Muitas situações contadas transformaram-se em cenas para o trabalho:

as brincadeiras de roda no meio das ruas sem asfalto, a “amarelinha”, o jogo de rodar pião e o de peteca, as brincadeiras com brinquedos antigos como o “bilboquê”, a brincadeira do túnel. Na juventude, os passeios à sorveteria, o “footing”, que consistia em caminhadas pela avenida Sampaio Vidal, ponto central da cidade. As moças caminhavam enquanto os moços ficavam parados ao longo da avenida olhando-as passarem. Ocorriam então pequenos flertes, trocas de olhares e sorrisos. Havia também os bailes, o carnaval, as velhas marchinhas. (CORDEIRO, 2003, p. 78)

Destaco também nesta obra do Grupo os cuidados e o primor em relação aos figurinos e à sonoplastia, escolhas dos participantes do grupo.

Por essa ocasião, já contávamos com as presenças de alunos do gênero masculino. As mulheres, no entanto, sempre foram maioria no grupo.

Ainda em 2001, por meio de oficinas e jogos, surgiu a ideia de criarmos um texto e montarmos uma peça toda baseada em ditos populares. A peça abordaria a sabedoria contida nos ditos, bem como seus preconceitos e contradições. O tom seria de comédia e haveria narradoras que contariam histórias baseadas em ditos populares. Houve muita pesquisa relacionada aos ditos e o Grupo compilou cerca de quatrocentos ditos e provérbios populares. Três deles foram escolhidos para a construção de historietas baseadas em seus preceitos, numa estrutura de metalinguagem. As falas das narradoras e das demais personagens seriam todas amparadas por inúmeros ditos, o que deu charme e originalidade à peça. A história surgiria no palco a partir das lembranças das narradoras, sobre a vida e situações cotidianas. Os ditos escolhidos para as historietas foram: “Quem conta um conto aumenta um ponto”, “Quem pode, manda. Quem tem juízo, obedece” e “Visita sempre dá prazer: se não é quando chega, é quando sai”.

Na primeira historieta, amigas se encontram na feira e uma delas, que tem a fama de exagerar sobre tudo o que conta das pessoas, conversa com duas amigas. Situações e falas muito engraçadas emergiram desta pequena história. Em “Quem pode, manda. Quem tem juízo obedece”, o tom se torna mais dramático, pois duas mulheres conversam e recordam os tempos da ditadura militar e discutem sobre política. Na última história, três primas do interior recebem a visita impertinente de uma prima outra rica, porém falida, que vai até a casa delas na esperança de encontrar um fazendeiro rico para casar. No período de sua estadia, cria muitas confusões e altera a rotina da casa, criando situações cômicas e muito divertidas.

Na peça também são abordados os ditados que se contradizem, o que rendeu bons diálogos. Um exemplo deles: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus” e “Quem dá o que tem, a pedir vem”. Em todo o texto da peça os ditos são lembrados e proferidos por diversas personagens. Esta peça tem cerca de uma hora de duração e demandou cuidados com cenários, que precisaram ser mudados constantemente no palco, figurinos e sonoplastia.

Para as mudanças de cenários nos utilizamos do recurso de uma personagem, Carlitos (alusão a Charles Chaplin), para entrar e sair do palco

com materiais e adereços, fazendo as mudanças necessárias na frente do público, enquanto aproveitava pra brincar com os objetos e interagir com as pessoas, o que agradou muito as variadas platéias para as quais a peça foi apresentada. A peça foi apresentada dezenas de vezes, em diversos locais, nas cidades de Marília, Garça, Pompéia, Echaporá e Lins, todas no Estado de São Paulo. Cabe destacar que a historieta “Visita sempre dá prazer, se não é quando chega é quando sai”, concorreu no “Festival de Novos Talentos” do SESI de Marília e foi premiada no ano de 2003, tanto na primeira quanto na segunda etapa do Festival.

Apresento aqui o trecho do início da peça:

ELZA- Ô, Diva, depressa, depressa, estamos atrasadas!

DIVA- Quem tem pressa come cru e frio. Já vou!

ELZA- Venha rápido! Elas estão esperando.

DIVA- Tudo bem. Quem espera sempre alcança.

ELZA- Mas cansa, também. Quem espera também cansa.

DIVA- Cansa? Mas elas estão sentadas!

ELZA- E vão continuar sentadas porque de pé cansa?

DIVA- Não. Só estou tratando aqui de um último detalhe que deveria ter feito ontem.

ELZA- Como? Você não sabe que não se deve deixar para amanhã o que se pode fazer hoje?

DIVA- Sei também que não se deve fazer hoje o que se pode deixar para amanhã porque o hoje é o amanhã de ontem.

ELZA- Paciência! Paciência! Mas vamos lá. E essa agora, heim? Fazer uma peça baseada em ditados populares.

DIVA- Eu não tenho idéia.

ELZA- Até perdi o sono esta noite!

DIVA- Pois eu até sonhei com os tais ditados.

ELZA- E o grupo já está lá reunido. Cada uma deve ter pensado em alguma coisa.

DIVA- E estão lá nos esperando. Ai, ai, ai...

ELZA- Calma, companheira! Eu estava apressando você mas agora estou mais tranquila. A união faz a força e estamos todas no mesmo barco.

DIVA- O duro é se o barco estiver furado.

ELZA- Calma! Não abandone o barco como os ratos em ameaça de naufrágio.

DIVA- É verdade. Eu não fujo da raia. Vamos lá. Ditos populares, ditos e desditos. A gente vive usando e nem se dá conta.

ELZA- Com certeza. Dizem que são sínteses da sabedoria popular.

DIVA- E às vezes do preconceito popular também. Depende do dito.

ELZA- Mas alguns... Aquele, por exemplo, do “quem conta um conto aumenta um ponto”, tem gente que é assim mesmo. Sempre dá uma aumentadinha no que ouviu.

DIVA- Ou aumenta ou distorce. Mas isso todo mundo faz um pouco, não faz?

ELZA- Nem todo mundo. Mas eu bem que conheci uma senhora, daquelas muito faladeiras, que aumentava todas as histórias. Se via uma fumacinha na brasa, ela alardeava um incêndio. Mas era muito boa gente. Que saudade da dona Tita! (CORDEIRO, 2003, p. 198-199)

A partir do ano de 2004, outro trabalho começou a ser desenvolvido, por meio de oficinas teatrais específicas, a fim de suscitarem temas de interesse dos participantes, com jogos teatrais que visaram a estimular suas lembranças. Surgiu, assim, um tema para a elaboração de um espetáculo de variedades. O tema seria o sentimento amoroso, em suas várias faces: o amor romântico, o paternal e o filial, o fraternal e suas consequências: dor, alegria, ternura, paz, desalento, saudade, paixão, lembranças, encantos e desencantos.

Nas Oficinas e durante a elaboração do trabalho, os participantes falaram de suas vidas, compartilharam suas histórias de relacionamentos amorosos, trouxeram poemas, frases, trovas, anedotas e “causos” relacionados ao tema. Houve uma compilação e também uma seleção de depoimentos, poemas, músicas, contos e trovas relacionados ao sentimento amoroso. Feita a compilação e seleção, começaram a escrever o trabalho, finalizado no ano de 2006. Tratou-se de um espetáculo de variedades, com inspiração em velhos programas de rádio, e que possui doze cenas interdependentes. O trabalho foi montado e apresentado pela primeira vez pelo grupo no mês de dezembro de 2006 para um público aproximado de 250 pessoas. O Anfiteatro Mestre Xidieh, da UNESP, no qual o espetáculo foi apresentado, possui capacidade para cerca de 170 pessoas. Naquela noite, buscamos bancos e cadeiras extras para a acomodação das pessoas que lá estiveram presentes.

Neste trabalho, mais uma vez, o recurso de utilização das memórias e histórias de vida dos participantes em seus processos de criação teatral foi muito bem utilizado e propiciou a elaboração de um trabalho de incontestável qualidade, tanto do ponto de vista da montagem quanto das interpretações. Belíssimos figurinos foram escolhidos para a apresentação de uma coreografia que simulava um baile de máscaras. Ambientes oníricos serviram de cenário para algumas cenas, que contaram até mesmo com um vestido de noiva amarelado e suntuoso, de mais de sessenta anos. Uma cena do espetáculo, denominada de “Memórias de amores idos”, transformou-se

posteriormente num espetáculo à parte, que foi apresentado por inúmeras vezes em aberturas de eventos acadêmicos e congressos da UNESP.

Em “Memórias de amores idos”, duas idosas, amigas de longa data, contam como conheceram seus maridos, grandes amores de suas vidas e falam da saudade que sentem deles com a separação forçada pela morte. Uma delas conta que no terceiro mês de casamento seu marido lhe presenteou com três rosas brancas. Nas pétalas estava escrito “eu te amo”. No texto da peça, ela arremata: *“Romantismo exagerado? Pode até ser. Mas estas lembranças estão vivas em mim, até hoje. A gente era feliz e sabia”*. Nos anos de 2007 e 2008, a peça “Contando coisas de amor” foi apresentada em diversas ocasiões, inclusive na Noite dos Pioneiros, evento tradicional que faz parte das comemorações do aniversário de Marília, SP, do qual já tínhamos participado também no ano de 2000, com a peça “Os italianos”. O espetáculo completo foi gravado e televisionado pela TV Câmara de Marília.

No ano de 2008, uma nova peça teatral começou a ser gestada pelos (as) alunos (as). Várias ideias surgiram e a escolhida foi a de contarem uma história sobre pessoas comuns, mas que fossem tipos interessantes e variados que se encontrariam e travariam conversas, protagonizando situações em um bar familiar de um bairro de periferia, numa cidade de interior. A proposta era a de retratar um dia das vidas destas pessoas. A personagem mediadora e aglutinadora das conversas e situações seria Joana, a dona do bar, uma mulher batalhadora e viúva, ainda muito saudosa de seu marido, José, que deixou para ela o pequeno estabelecimento comercial. Joana cuida do bar, recebe as pessoas e conta com o auxílio de Tônico, seu fiel funcionário. O dia é especial, pois é o aniversário de Joana, que se recorda de seu grande amor, da vida boa e também sofrida, ao passo que recebe junto com Tônico os frequentadores do bar.

A partir do roteiro inicial, resultado e fruto de conversas e de trocas de opiniões, todos se dispuseram a pensar em situações que ocorrem tipicamente em um bar: bate-papo, beberagens, fofocas, “contação de causos”, histórias tristes e alegres, piadas, impertinências, melancolias e a solidariedade vencendo as tristezas e dores das pessoas comuns. Os assuntos surgiram aos poucos, nos momentos de Oficinas e de conversas sobre situações de bar, colhidas por meio das memórias dos participantes. Um de nossos alunos trouxe várias histórias e situações divertidas e engra-

çadas, que foram incorporadas à peça. Dentre as cenas e situações, assuntos relacionados a futebol, esportes, casos de amor, fofocas sobre pequenos e grandes escândalos, desilusões, sonhos acalentados, músicas de outrora, gastronomia, religiosidade e filosofia aparecem na peça.

Esses assuntos são protagonizados pelas personagens que ora tem um nome, ora são tratadas por apelidos ou funções: as esportistas, que querem ir para as Olimpíadas de 2016; a filósofa, que é uma mulher misteriosa, pois não se sabe de onde vem, se mora na rua ou não; o ébrio, que foi responsável pela morte de seu grande amor; as fofuqueras, que sempre possuem mil histórias para contar sobre a vida alheia; a cartomante, que vê o futuro cortando cartas e na bola de cristal; Antenor, bebedor que vive no bar e é arrastado de lá por sua esposa, Nena, que sempre o perdoa; Tiana, a candidata a vereadora não muito ética; Cristal, a cantora da noite que rememora as músicas que fizeram sucesso em décadas variadas do século XX, entre outras personagens.

A cotidianidade, os valores, as histórias de vida, vividas e “ouvidas” foram importantes elementos para a elaboração das personagens, das situações e dos assuntos da peça, que começou a ser elaborada no ano de 2008, ficou pronta no final de 2009 e foi intitulada de “Joana Fulô, a dona do bar”. O texto da peça é de criação coletiva e possui ótimas qualidades, do ponto de vista da escrita e das situações apresentadas. São mais de vinte personagens se revezando em cena, numa peça de cerca de uma hora de duração. O trabalho, no entanto, não foi apresentado, mas continua, mesmo que lentamente, em fase de montagem, devido a outros projetos menores que foram ao longo dos anos organizados pelo grupo, como os Saraus para apresentações em eventos acadêmicos e culturais da Universidade. Eis um pequeno trecho da peça “Joana Fulô, a dona do bar”:

JOANA: Ah...Joana Fulô... que saudades... Lembro-me como se fosse hoje: ele, José, meu finado marido, tomando um café com o padre Inácio, resolveram batizar esse meu estabelecimento comercial. E conversa vai, conversa vem, e eis Joana Fulô! Fiquei toda garbosa, porque não é todo dia que se lembram da mulher para valorizá-la, ainda mais com um nome tão romântico: “Joana Fulô”!

*JOAQUIM: Ahhh Dona Joana, é muito romântico esse nome. Mas estamos num bar, lanchonete ou boteco?
(Antenor fala, já meio de fogo)*

ANTENOR(Antônio): *Ah, aqui é boteco mesmo... A gente sabe quando entra, mas não sabe quando e como sai! Se tiver uma coxinha com pimenta, vai bebendo, bebendo, cada vez mais! Ouvindo, então, uma musiquinha, ah! A coisa fica melhor ainda. A gente vai bebendo, bebendo e esquecendo as mágoas...*

(Tônico fala em tom de brincadeira)

TONICO: *Vejam só minha gente, o Antenor está virando poeta!*

ANTENOR: *Imagine se isso não é um boteco? Olha a salsicha, olha o ovo em conserva: tem que ser homem pra encarar!*

(Mariana fala em tom de bajulação)

MARIANA: *Ah, não! Isso é quase uma lanchonete. Olha o requinte! E olha a Dona Joana que bela! Além de que, em uma lanchonete vendem-se lanches, e ouvi dizer que dona Joana faz uns lanches deliciosos!*

JOANA: *Deixem de conversa fiada minha gente: nem boteco, nem lanchonete... É o bar da Joana Fulô. E o senhor, seu Antenor, todo prosa, fique sabendo que meu bar é simples, mas muito, muuuuito limpinho! Tem sempre tolha limpinha no banheiro, o lanche é feito no capricho que só eu sei fazer. Tem também calabresa acebolada que o bairro inteiro gosta! Bar, lanchonete ou boteco, seja lá o que for: representa um passado cheio de amor. Hoje, a saudade e a esperança me embalam e eu estou cada vez mais certa de que neste bar as pessoas são felizes. Logo mais, á noite, teremos cantoria para comemorar o meu aniversário.*

ANTENOR: *Lá isso é verdade! Aqui a gente é feliz. Me dê uma talagada dessa branquinha? Agora, um pouquinho pro Santo e o resto pra mim.*²²

Concomitantemente com a peça “Joana Fulo, a dona do bar”, o grupo elaborou também os espetáculos “Sarau de poesias escolhidas” e “Sarau de poesias, contos e causos” da UNATI. Estes espetáculos possuíam uma característica comum: reuniram poesias de autores conhecidos e desconhecidos, contos, músicas e “causos” do interior do Estado de São Paulo, todos escolhidos pelos participantes do grupo. Um de nossos alunos, Antônio, inclusive, escreve poesias, trovas e histórias. Muitas delas foram declamadas nas apresentações. Um de seus escritos caracteriza bem o seu sentimento em relação ao Grupo e às Oficinas de Teatro da UNATI-UNESP, de forma bem humorada:

O galo

(Antônio Faria)

Antes do teatro

Eu era um galo triste no poleiro

² Esta peça não foi publicada e está em fase de montagem.

*Não cantava, não dançava, não ciscava no terreiro.
Entrei para o teatro e
Mudei a minha postura.
Para falar melhor troquei até a dentadura!
Hoje sou um galo feliz,
Canto e danço o dia inteiro.
Já me apresentei em São Paulo e até no Rio de Janeiro!”*

Músicas que fazem parte do repertório do grupo em momentos de descontração e de comemoração também passaram a fazer parte dos saraus. Uma delas é a música popular “Meu limão, meu limoeiro”, cantada em todas as comemorações dos aniversariantes do grupo, que ocorre uma vez por mês. A música entremeia os poemas:

*Meu limão,
meu limoeiro,
meu pé de jacarandá!
Uma vez tindolelé,
Outra vez, tindolalá!”*

Os saraus se encerraram, geralmente, com o poema “O moço”, de Moacyr Sacramento (2015). No ano de 2013 o grupo iniciou um novo trabalho, intitulado “Tecendo esperanças”. Este é um trabalho que envolve sonoplastia, expressão corporal, um roteiro minimamente definido, cuja temática é o sentimento de esperança do ser humano, envolto por vezes em tantas dores, necessidades, privações, misérias e amarguras. O trabalho se inicia tendo como trilha sonora a música “O amor é feio”, de Arnaldo Antunes. Pessoas desesperançadas entram no palco ao som da música: idosos, alienados, mendigos, drogados, saudosos, gente esquecida pela sociedade.

O sentimento amoroso, em forma de uma pessoa entra no palco e acaricia os rostos de cada pessoa solitária e desesperançada. Poemas e frases são ditos e aos poucos as pessoas, sem saírem do palco, ficam próximas à coxia, viradas de costas para o público.

Atores interpretando crianças entram no palco e começam a brincar. Rodopiam, repartem brinquedos, cantam, conversam. Ao som da música “Redescobrir”, de Gonzaguinha (2015), pessoas vão entrando no

palco e interagindo com as crianças e umas com as outras. A alegria toma conta de todos, que rodopiam, se abraçam, sorriem, vibram ao som da música, criando coreografias improvisadas. O espetáculo “Tecendo esperanças” está ainda em fase de conclusão, mas já foi apresentado no final do ano de 2013, para uma plateia aproximada de cem pessoas.

Acreditamos que este trabalho pode ser considerado a síntese do que temos feito nos anos de existência das oficinas: experimentação, criação, técnica, busca de inovação levando-se em consideração a cotidianidade e histórias de vida dos integrantes do grupo; trabalho coletivo, respeito das individualidades e esperançoso de dias melhores, sempre.

As Oficinas mostram caminhos metodológicos seguros para que a criação teatral ocorra: o diálogo, a interação e o jogo teatral, que tem como base o improviso, uma situação problema que precisa ser resolvida no palco. Os alunos criam a partir de inúmeras propostas envolvendo o corpo, os sentidos, o toque, a memória, a cotidianidade. Subdividir-se em grupos e criar cenas curtas a partir de três ou quatro personagens dadas, a partir de uma frase, de um dito popular ou de uma situação apresentada foram e são propostas que surtiram e surtem o esperado efeito de levar os participantes a processos de criação mais complexos, como a elaboração de textos individuais e coletivos, roteiros, esquetes, espetáculos de variedades e peças teatrais. Ao adentrarem no palco, as mais variadas falas e emoções foram e são relatadas por cada participante. Em 2002, ao estrearmos a peça “Ditos, desditos e não ditos” uma de nossas alunas disse o seguinte: “*Pisar no palco aos sessenta anos, é mais do que um ato de coragem. É um ato de bravura.*” Nos ensaios da peça ela dizia: “*Estou nervosa sim, mas não quero ter medo de ser feliz.*”

As histórias de vida, acontecimentos pessoais se entrelaçam a uma história maior e coletiva, na qual o respeito às individualidades sempre foi essencial para que o trabalho em grupo ocorresse. Numa das experiências de escrita do grupo, os integrantes deveriam escrever o que significava viver, a partir da complementação da questão “Viver é...?” Reproduzimos aqui alguns trechos de escritos individuais dos integrantes do grupo:

- *Ter saudade!*

- *Ter lembranças de todos os momentos de nossa vida.*

Gostar de aprender sempre, seja o que for. Seja como preparar um prato na cozinha ou como arrumar as flores num vaso. (Elza)

...saber amar, sem distinção.

...saber estar sempre alegre, porque tristeza não nos leva a nada.

...saber procurar o que desconhecemos para poder servir. (Odette)

Estar aberta a toda experiência.

A vida é um contínuo aprender, desde que nascemos até o último suspiro. Por isso, devemos aproveitar muito, tanto no conhecimento como nas alegrias que a vida pode nos dar, para que amanhã, ao olharmos para trás, não nos sintamos arrependidos por coisas que deixamos de fazer. Viver é ter alegria mesmo que com coisas pequeninas.

Nem sempre a vida é só alegria, mas devemos também nos lembrar, que existem momentos de sofrimento, de saudade, mas que o tempo também cicatriza feridas. (Urânia)

A partir de propostas como esta, inúmeros textos coletivos tomaram forma. Muito mais que participantes de um grupo de teatro no qual se encenariam peças para apresentações a vários públicos, os integrantes criaram laços que se estreitaram e se transformaram em amizades desde então. Tal entrosamento facilitou os processos de criação e todos os conhecimentos e habilidades pessoais foram postos a serviço do trabalho de criação coletivo. Mesmo as datas festivas, as comemorações de aniversariantes tornaram-se momentos de criação pessoal e coletiva, com organização de saraus e eventos culturais que passaram a ocorrer também nestas ocasiões. Os aniversariantes eram homenageados com poemas, trovas ou acrósticos elaborados especialmente para eles. Um exemplo, no início de uma comemoração de aniversariantes: *“Traga força e chegue cedo, para a coisa desenrolar. Venha forte, vem sem medo; se não souber o texto, comece logo a cantar!”*

Assim, por anos, os integrantes das Oficinas de Teatro da UNATI - UNESP criaram um grupo coeso, com um trabalho consistente de criação teatral coletiva, tendo realizado ao longo desses anos centenas de apresentações teatrais para os mais diversos tipos de público, em inúmeras cidades do interior paulista. Os palcos foram os mais diversos e até mesmo as ruas e o Terminal Rodoviário do município de Marília foram por vezes os lugares privilegiados para as apresentações teatrais.

Apesar do envelhecimento constante e inclusive de perdas e separações causadas pela morte ou mudanças de cidade de alguns membros do grupo, causa de dor e sofrimento, mas também de força para seguir em fren-

te, contamos com a participação de pessoas sempre dispostas a vencer obstáculos e seguir em frente. Enfrentam barreiras, tais como as da locomoção, de doenças próprias da idade, que por vezes impedem que todos estejam juntos, mas continuam firmes no propósito de levar sua arte a todos os que puderem apreciá-la. São pessoas que estão sempre redescobrando o prazer de viver. Não à toa, a música que fecha o último trabalho do Grupo é “Redescobrir”, de Gonzaguinha (2015), que traduz bem o elemento lúdico presente no trabalho e nos processos de criação teatral coletiva:

*Como se fora brincadeira de roda, memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos, macias!
O suor dos corpos na canção da vida, história!
O suor da vida no calor de irmãos, magia!*

*Como um animal que sabe da floresta, perigosa
Redescobrir o sal que está na própria pele, macia
Redescobrir o doce no lamber das línguas, macias
Redescobrir o gosto e o sabor da festa, magia!*

*Pelo simples ato de um mergulho ao desconhecido mundo que é o coração.
Alcançar aquele universo que sempre se quis e que se pôs tão longe na
imaginação.*

*Vai o bicho homem fruto da semente, memória
Renascer da própria força, própria luz e fé, memória
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, história
Somos a semente, ato, mente e voz, magia!*

*Não tenha medo, meu menino povo, memória
Tudo principia na própria pessoa, beleza
Vai como a criança que não teme o tempo, mistério
Amor se fazer é tão prazer que é como se fosse dor, magia!”*

CONCLUSÃO

Neste capítulo relatei a experiência teatral e de criação coletiva do Grupo de Teatro que se formou a partir das Oficinas de Teatro da UNATI - UNESP de Marília. Como já apresentado, os objetivos do trabalho vão além de levar a pessoa idosa a interpretar um papel em uma peça teatral, mas os de levá-la a criar textos originais coletivamente, a participar do meio acadêmico e de todo o processo de montagem de um trabalho teatral.

Desta forma, com os anos de convivência com os participantes e trabalho junto às Oficinas de Teatro da UNATI - UNESP creio que alcançamos o sonho de Boal (1991): o de que o teatro seja do povo e feito por todos. Diz ele que

No princípio o teatro era o canto ditirâmico: o povo livre cantando ao ar livre. O carnaval. A festa. Depois as classes dominantes se apropriaram do teatro e construíram muros divisórios. Primeiro, dividiram o povo, separando atores de espectadores: gente que faz e gente que observa. Terminou-se a festa! Segundo, entre os atores, separou os protagonistas das massas: começou o doutrinamento coercitivo. O povo oprimido se liberta. E outra vez conquista o teatro. É necessário derrubar muros! (BOAL, 1991, p. 135)

Creio que, ao longo destes anos, muitos muros foram derrubados: as barreiras da idade, as do preconceito, das dificuldades frente aos desafios postos, das perdas, do medo do palco, do medo de criar, da desesperança. Delicadas tramas foram tecidas, a vida foi intensa, bela, emocionante e transbordante nos muitos palcos, para muitas plateias, nos muitos olhares que se cruzaram. Encontros de gerações ocorreram; a idade, em inúmeras situações, foi um mero detalhe, ultrapassado pela alegria de conviver e de ser com o outro.

Nas Oficinas, navegamos por mares de sonhos e de criação. Conflitos, dores e desesperança também existiram. Perdemos amigos, levados pela morte ou por mudanças de vida ou de estado de saúde: “coisas da idade, coisas da vida”, diria o senso comum. Mas quando estamos juntos, alguns relatos mostram o bem que a convivência pela arte faz:

Aqui me esqueço até das dores!”(Lourdinha) ; “É muito bom encontrar os amigos, isso é também uma terapia!”(Alzira); “Nosso grupo é demais, quanta criatividade!”(Regina) ; “Hoje sinto minha memória mais ativa, com essa tarefa de decorar um texto. Tanto é que agora se eu leio um texto eu paro um pouquinho e consigo lembrar o que eu estava lendo, ao passo que há tempos atrás quando eu ainda não estava no teatro eu lia, mas passava um tempo eu não me lembrava de tudo o que eu lia. Hoje sinto que ativei a minha memória. Então eu acho muito positivo o teatro (Alice).

Também é importante relatar neste capítulo que o Projeto “Oficinas de Teatro da UNATI – UNESP de Marília”, além do trabalho de extensão,

ensino e educação permanente, gerou pesquisa, apresentada em forma de Tese de Doutorado, intitulada “Oficina de Teatro da UNATI – UNESP de Marília: A arte e o lúdico como elementos libertadores dos processos de criação da pessoa idosa”, de minha autoria, bem como capítulos de livros e trabalhos completos apresentados em inúmeros eventos científicos. Também cabe destacar que o Projeto contou ao longo dos anos com alunas bolsistas e voluntárias, dos Cursos de Pedagogia e de Terapia Ocupacional. Esse contato com jovens graduandas foi essencial para o trabalho intergeracional e para a desconstrução de preconceitos em relação à pessoa idosa.

Creio que estamos prontos para outras, para muitas, para emocionantes histórias que abrirão novos capítulos sobre as Oficinas de Teatro da UNATI e sobre nossas próprias vidas, entrelaçadas a outras tantas por meio da arte e da criação teatral. Já temos quinze anos de história, mas, ah, o tempo, o que é o tempo? Talvez nossa aluna Lourdinha, de 90 anos, ao declamar lindamente o poema O moço, de Moacyr Sacramento (2015), possa nos responder:

O Moço

*Não me perguntem quantos anos tenho, e, sim,
quantas cartas mandei e recebi.
Se mais jovem, se mais velho...o que importa,
se ainda sou um fervilhar de sonhos,
se não carrego o fardo da esperança morta...*

*Não me perguntem quantos anos tenho, e sim,
quantos beijos troquei - beijos de amor!
Se a juventude em mim ainda é festa,
se aproveito de tudo a cada instante,
e se bebo da taça gota a gota...
Ora! Então pouco se me dá quanta gota resta!*

*Não me perguntem quantos anos tenho, mas...
queiram saber de mim se criei filhos,
queiram saber de mim que obras fiz,
queiram saber de mim que amigos tenho,
e se alguém pude eu tornar feliz.*

*Não me perguntem quantos anos tenho, mas...
queiram saber de mim que livros li,
queiram saber de mim por onde andei,*

*queiram saber de mim quantas histórias,
quantos versos ouvi, quantos cantei.*

*E assim, somente assim, todos vocês,
por mais brancos que estejam meus cabelos,
por mais rugas que vejam em meu rosto,
terão vontade de chamar “O Moço!”*

*E, ao me verem passar aqui...ali...
não saberão ao certo a minha idade,
mas saberão, por certo, que eu vivi!
(Moacyr José Sacramento)*

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. *A velhice: a realidade incômoda*. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- BOAL, A. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Queroz, 1979.
- CHACRA, S. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CORDEIRO, A. P. *Oficinas de Teatro da UNATI - Unesp de Marília: a arte e o lúdico como elementos libertadores dos processos de criação da pessoa idosa*. 2003. 247f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.
- COURTNEY, R. *Jogo, teatro e pensamento*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LABAN, R. *Domínio do Movimento*. São Paulo: Summus, 1978.
- NASCIMENTO JR. Luiz Gonzaga do. Disponível em: <http://www.roletamusical.com.br/musicas/redescobrir-gonzaguinha.php> Acesso em 25 nov 2015.
- SACRAMENTO, M. O moço. *Gazeta do racionalismo cristão*. Disponível em: <<http://www.racionalismo-cristao.org.br/gazeta/poesia/moacyr1.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.
- SPOLIN, V. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.